

C@DERNO DISCENTE

DROGAS: COMO UMA PAIXÃO QUE DEVORA

Nathalie Celi dos Santos Rodrigues¹

José Arturo Costa Escobar²

RESUMO: No presente artigo, discorremos sobre a clínica das toxicomanias, assemelhando a dependência afetiva e a dependência química. No que diz respeito ao funcionamento da dinâmica cerebral, há uma correspondência marcante entre o apaixonado e o adicto, ambos dificilmente controlam seu desejo pelo objeto escolhido, assujeitam-se à ele, supervalorizando-o, de modo que, comumente, ficam vulneráveis e são escravizados por ele. O artigo, que contou com a ajuda de um conceito mítico e de conceitos psicanalíticos, como Narcisismo e Desamparo, teve como principal objetivo mostrar que, a paixão, está intermediariamente ligada aos tóxicos, à toxicomania, já que, mesmo não sendo química, é uma substância que pode intoxicar e, levando em conta seus efeitos entorpecedores, muitas vezes, o verdadeiro tóxico, não é uma droga em si.

Palavras-chave: Dependência, Toxicomania, Psicanálise, Entorpecentes, Desamparo.

ABSTRACT: In this article, we discuss about the clinical status of drug addictions, relating the affective and the chemical dependence. As regards the operation of brain dynamics, there is a striking correspondence between the lover and the addict, both hardly control their desire for the object chosen, being submissive to it, overestimating it, so that, commonly, they become vulnerable and are enslaved by it. The article, which was attended with the support of a mythical concept as well as psychoanalytic concepts, as Narcissism and Desamparo, had as its main objective to show that the passion is intermediately linked to toxic, drug addiction, since even though it is not chemical, it is a substance that can poison and, taking into account its sedative effects, many times the true toxic is not a drug in itself.

Keywords: Dependency, Drug addiction, Psychoanalysis, Narcotics, Helplessness.

¹ Psicóloga, concluinte do curso de Especialização em Saúde Pública, Saúde Mental e Dependência Química da Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA. natcsrodrigues.psi@gmail.com

² Dr. em Psicologia Cognitiva, Professor Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA. escobarneip@gmail.com.

1. Introdução

O artigo tem como objetivo geral discorrer sobre a clínica das toxicomanias. Percorrendo sobre os vínculos patológicos, fazendo uma analogia entre a dependência afetiva, tendo como base a paixão e a dependência de substâncias psicoativas, as drogas.

Atualmente ampliam-se as informações sobre casos de dependência de drogas, não apenas as ilícitas, como maconha, cocaína, crack, mas também as lícitas, como o álcool e o tabaco, sendo também importante frisar a dependência aos medicamentos, café, chocolate, comidas em geral. Podemos, inclusive, abranger nossa observação e falar sobre os comportamentos compulsivos, seja por jogos, compras, trabalho, sexo, etc. (CID-10, 1997).

Desta forma, a relevância em escrever sobre o tema e fazer essa analogia entre paixão e drogas, é o fato de que, como veremos a seguir, as drogas sempre estiveram presentes na história da humanidade, variando segundo critérios relativos a cada cultura, a cada época e o inevitável interesse que a temática da paixão desperta nas pessoas, já que, pode-se dizer, que em algum momento de sua existência, certamente, todo ser humano irá se deparar com ela. Seja como for a paixão, a paixão amorosa dirigida a alguém que é objeto de um investimento amoroso ou a algo que faça uma pessoa sentir a falsa sensação de completude. Falsa sensação, levando em consideração as idealizações projetadas pelo sujeito desejoso, que não são reais, pois ele busca a completude que nunca será alcançada no seu objeto de desejo, seja o Outro, objeto de sua paixão ou o objeto-droga.

De acordo com o dicionário, “Toxicomania” quer dizer “hábito patológico de absorver doses crescentes de substâncias tóxicas ou estupefacientes (éter, morfina, cocaína, ópio), por amor às sensações anômalas que elas produzem” (PRIBERAM, 2014).

A palavra “paixão” deriva do termo grego *páthos* que, em sua etimologia, significa passividade. Mas *páthos*, além de paixão e passividade, significa, também, sofrimento.

A paixão é conhecida ao longo dos tempos como algo insaciável, algo da ordem do excesso, da desmedida, algo que foge ao controle da razão (*lógos*), algo que inquieta, desestabiliza, desorienta o sujeito, e tudo isto ainda de forma singular. E embora sejam objetos distintos, paixão e drogas, é possível notar a semelhança entre eles: os terríveis danos e sofrimentos que podem causar.

É possível perceber que o vínculo de dependência estabelecido pelo objeto de desejo do sujeito apaixonado não difere, psiquicamente, do vínculo estabelecido pelo drogadito. Desta

forma, o apaixonado assujeita-se ao seu objeto de amor do mesmo modo que o adicto assujeita-se à droga. É certo que os danos causados pelas substâncias químicas das drogas são fisiologicamente mais violentos, mas, considerando a dependência psíquica, os danos são tão devastadores quanto, pois a escravidão à busca desse prazer (o Outro ou a droga) pode levar o sujeito a um gozo mortífero.

Começaremos apresentando uma breve dissertação sobre a História das drogas e suas formas de uso ao longo dos tempos, seguindo para o conceito psicanalítico de Narcisismo e Desamparo, como legado da paixão, que contaremos com a ilustração de um conceito mítico e, por fim, evidenciaremos a semelhança da dinâmica cerebral que ocorre no apaixonado e no adicto.

Assim, nosso escopo consiste em discorrer sobre o vínculo entre o sujeito e seu objeto de desejo, falando, inevitavelmente, da dependência e da patologia que se configura pela relação de excesso entre o sujeito e o objeto, perpassando também pela codependência, que se caracteriza como um vínculo doentio que uma pessoa estabelece com outra, ao ponto de distanciar-se de sua verdadeira identidade e passar a viver as expectativas, sonhos, desejos e necessidades da outra pessoa (ALLY, s/d).

2. Um pouco sobre a História das Drogas

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), droga é qualquer substância que, introduzida no organismo, interfere no seu funcionamento³. Ou seja, droga psicoativa é toda e qualquer substância que atue sobre o cérebro, modificando o modo de sentir, pensar, agir, proporcionando experiências de prazer e/ou desprazer e que pode levar o usuário à dependência química e psíquica.

É sabido que nunca houve sociedade sem drogas, elas sempre estiveram presentes na história da humanidade, variando segundo critérios relativos a cada cultura, a cada época, podendo ser usadas para fins recreativos, rituais e espirituais, científicos e médicos/farmacológicos. As substâncias psicoativas atuam diretamente no Sistema Nervoso Central e agem alterando a consciência, o humor, a percepção, o comportamento (SILVA, s/d).

A história nos mostra que as drogas, por serem substâncias que alteram o estado da consciência, embora também usadas em rituais religiosos, sempre foram usadas com o intuito de adquirir prazer, bem como, distanciar-se do desprazer. “Na mitologia grega, por exemplo, o

³ Disponível em <http://www.arturnogueira.sp.gov.br/site/wp-content/uploads/2010/08/DROGAS.pdf>

álcool era tido como uma substância divina devido às mudanças que sua ingestão causava no homem” (OBID/SENAD, s/d). Deteremo-nos, então, à história de algumas drogas mais conhecidas e utilizadas no Brasil: Cannabis Sativa (maconha), cocaína, crack, ecstasy, álcool e tabaco.

A Cannabis Sativa é originária da Ásia Central, mas é amplamente cultivada em várias partes do mundo, embora o tetraidrocanabinol (THC) e o canabidiol (CBD), princípios ativos da planta, se desenvolvam em maior quantidade em ambientes quentes e ensolarados. É conhecida por suas propriedades analgésica, calmante, sedativa. Os primeiros registros de sua utilização datam de 8000 anos a.C, na China, para fabricação de papel⁴. Ainda na China, era conhecida por servir tanto para prisão de ventre, como para problemas de menstruação. Na Índia, era considerada sagrada. O grego Heródoto, historiador, que data no ano de 450, antes de Cristo, já havia deixado escrito que a Cannabis Sativa era queimada e usada em saunas e que os frequentadores gritavam de alegria, devido a sensação de gozo que sentiam através do vapor liberado (LOPES, 2006).

A cocaína era muito utilizada pelos incas, ao subirem as montanhas do Peru, para suportar as grandes altitudes, para diminuir o apetite, disfarçar e suportar a fome, dar-lhes mais energia, pois quando subiam as montanhas ficavam dias sem comer. Os índios também são adeptos ao hábito de mascar a folha da coca para espantar maus espíritos e provocar sonhos. A folha da coca, na Bolívia e no Peru, também é considerada uma “planta de poder” e é utilizada em rituais para leitura de oráculos, por aqueles que possuem esse poder. E seu poder no Peru é tanto que havia um “Templo da Coca”, onde consagrava-se a entidade espiritual das folhas da coca, La Cocamama⁵. A cocaína também foi estudada por Freud, que deu suas contribuições para a história da Psiquiatria e da Psicofarmacologia. Começou a usá-la para tratar pacientes viciados em morfina e logo achou outros “benefícios” para ela, achava que ela era “mágica” para tratar os casos de depressão e distúrbios nervosos, até que um de seus pacientes e também amigo, Ernst Fleischl, excedeu a dose recomendada e morreu de overdose. Então, Freud abandonou seus experimentos com a droga (BENTO, 2006).

O crack, também chamado de “pedra”, é feito da mistura da pasta de cocaína com bicarbonato de sódio, embora, hoje em dia, outras substâncias tóxicas estejam sendo agregadas à essa mistura. Apareceu primeiro nos anos de 1984 e 1985, nos EUA. No Brasil, sua aparição data em 1990, através de uma apreensão policial, em São Paulo. Seu nome se dá devido ao barulho

⁴ http://pt.wikipedia.org/wiki/Cannabis_sativa

⁵ <http://www.xamanismo.com.br/Poder/SubPoder1189634475It006>

característico ao ser fumado⁶. O crack é considerado a droga do momento, também levando em consideração seu baixo custo em relação às demais, é conhecido, pelo senso comum, como a droga que vicia no primeiro uso, mas o que acontece na verdade é que o crack, ao ser fumado, chega ao cérebro mais rápido do que as demais drogas e seu efeito, segundo os usuários, “indescritivelmente prazeroso”, dura cerca de apenas 10 minutos, despertando a vontade de usar várias vezes, repetidamente, compulsivamente (LOPES, 2006). Um outro estigma que o crack carrega é que, principalmente entre as mulheres dependentes, seu uso acarreta, muitas vezes, a prostituição, a venda do corpo para conseguir dinheiro para comprar a droga ou a troca do sexo pela droga (NAPPO et al., 2004).

O ecstasy é uma droga feita em laboratório, também conhecida como a “droga do amor”, pertence à família das anfetaminas. Foi inicialmente desenvolvida para uso dos militares, pois combatia o sono e a fome. Seu uso ficou conhecido e frequente nas raves (festas de música eletrônica que atravessam do dia para a noite e vice-versa), esse tipo de festa aconteceu primeiro na Inglaterra, em 1988, no Brasil, a primeira festa rave aconteceu no ano de 1995, em São Paulo. A droga causa euforia, sensação de bem-estar, alterações na percepção sensorial e embora não tenha propriedades afrodisíacas, aumenta a libido. Sem contar em outras drogas sintéticas (feitas em laboratório) que, ultimamente, são vendidas indiscriminadamente e que também podem causar dependência, como os tranquilizantes, antidepressivos e ansiolíticos (LOPES, 2006).

O álcool, embora seja uma droga lícita, não é menos devastador que as outras drogas e, por ser uma substância não apenas legalmente aceita, mas também culturalmente incentivada, é a mais consumida no planeta, sendo seu uso iniciado cada vez mais por adolescentes, em grande parte, na própria casa e o alcoolismo, decorrente do abuso dessa substância, é um sério problema de saúde pública mundial. Assim como à todas as outras drogas, ao álcool também foi atribuído diferentes significados à sua forma de uso. Entre os gregos e romanos, o vinho era a bebida mais difundida, tendo importância social, religiosa e medicamentosa. Os egípcios acreditavam que a cerveja e o vinho deveriam ser usados como medicamentos, pois eliminavam os germes e parasitas, especialmente os provenientes das águas do rio Nilo. Na Idade Média, a igreja passou a considerar a “bebedeira”, um pecado. Na Idade Moderna, o consumo do álcool acontecia livremente nos cabarés, então, esses locais passaram a ter horários fixos para funcionar. Atualmente, como dito anteriormente, o álcool é a bebida mais consumida e causadora de sérios transtornos, físicos, psíquicos e de ordem pública. Em 1967,

⁶ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Crack>

através da Organização Mundial de Saúde, foi incorporado ao CID-8, os problemas relacionados ao consumo do álcool, como doença (CISA, s/d).

“O tabaco é uma planta cujo nome científico é *Nicotiana tabacum*, da qual é extraída uma substância de efeito estimulante chamada nicotina. Além desta, o tabaco possui mais de 4.700 substâncias” (OBID/SENAD, 2007). É frequentemente usado como uma droga recreativa. Durante muitos anos foi sinônimo de “status”, charme, sendo seu uso incentivado em propagandas e programas de televisão e comunicação. Em dezembro de 2011 foi promulgada a Lei nº 12.546/2011, chamada “Lei Antifumo” e, conforme a Organização Pan-Americana da Saúde (Opas), um em cada três brasileiros deixou de fumar após a promulgação da Lei. Segundo o Inca (Instituto Nacional do Câncer), 90% dos casos de câncer de pulmão estão relacionados ao tabagismo. Uma pesquisa feita pelo CEBRID (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas), aponta que o primeiro contato com o cigarro ocorre com estudantes, com idade entre 10 e 12 anos (LEAL, 2013; CEBRID, s/d).

A droga é um objeto inanimado, obviamente algumas são, quimicamente, mais violentas que outras, mas não existe a pior droga, a mais viciante. É o sujeito, através do vínculo formado com a droga, através do lugar que ela ocupa em sua vida, quem dá à ela o poder, é o sujeito quem vai dizer, psiquicamente, qual é a pior e também é ele quem vai dizer qual a mais viciante e devastadora.

3. A dependência e o desamparo como legado da paixão

Aqui falaremos um pouco sobre o que há de mortífero no *phátos*, discorrendo sobre o conceito de paixão e sua desmedida, através de uma perspectiva psicanalítica freudiana. Contaremos com a ajuda de um conceito mítico grego, que ilustrará sobre a dependência da paixão, fazendo uma breve descrição sobre o Mito dos Andrógynos, que nos ajudará a compreender sobre essa busca do ser humano por um Outro, que lhe complete. Para que possamos adentrar na paixão que leva ao sofrimento e à dependência é imprescindível que falemos sobre alguns conceitos psicanalíticos como Narcisismo e Desamparo.

A palavra paixão, deriva do termo grego *páthos* que, em sua etimologia, significa passividade. Mas a palavra *páthos* também significa sofrimento. A paixão, no senso comum, é conhecida pela intensidade de suas manifestações e, frequentemente, confundida com um “amor grandioso”, porém, a paixão, em sua natureza, assemelha-se à *Thânatos* (figura da mitologia grega que representa a morte) (VASCONCELOS, 2004).

A paixão patológica ou paixão amorosa foi designada por Freud com o termo *Verliebtheit*, “*ver*” (que, na língua alemã, quando colocada diante de um verbo, quase sempre indica um desvio, ou uma perturbação, na ação normalmente expressa por este verbo), “*lieben*” (amar), “*heit*” (sufixo próprio dos substantivos femininos da língua alemã). Desta forma, através da palavra “*Verliebtheit*”, Freud “descreveu” a paixão amorosa como uma “*perturbação no modo de amar*” (ROCHA, 2008, p. 111).

Para ilustrarmos um pouco sobre o conceito de Narcisismo, que falaremos a seguir, apresentemos, então, o Mito dos Andróginos. Conta o mito que, inicialmente, a raça humana era dividida em três espécies: macho, fêmea e macho-fêmea (a união dos dois), que tinham o nome de Andróginos. Esse ser era constituído por uma forma redonda, suas costas e seus lados formavam um círculo, possuíam quatro mãos, quatro pés e uma cabeça com duas faces iguais e cada face olhava para uma direção. Por sentirem-se completos, tornaram-se ambiciosos, desafiaram os deuses e conspiraram contra Zeus. Zeus, para destruir seu orgulho, cortou-os ao meio, partindo-os em dois, fazendo-os andar sobre duas pernas, a fim de diminuir sua força. Desde então, cada metade começou a se lamentar, se sentir fraca e incapaz, desejando apenas reencontrar sua outra metade. Quando essas metades se encontravam, se abraçavam, para sentir a plenitude que conheceram, mas apenas conseguiam lamentar a perda (ROCHA, 1999, pág. 336)

Assim como o ser andrógino sentia-se forte e completo quando ainda estavam juntos e eram um só corpo, apesar de possuírem duas cabeças, a criança também sente-se forte e completa em sua relação originária, que é a sua relação com os pais. Na primeira infância, a criança é totalmente suprida de tudo o que lhe falta, através destes pais, mais precisamente da mãe, com a qual, inicialmente, há uma relação fusional. Em sua representação imaginária, ela não é um ser distinto, mas um complemento de seus pais, com os quais ela se identifica e, através deles, que ela supõe onipotentes, ela tudo pode. A isto, Freud dá o nome de Ego ideal. Quando a criança se confronta com a castração, ou seja, o Princípio de realidade, a lei, a onipotência ilusória do Ego ideal é posta em questão. A castração que, para a psicanálise, é simbolizada por vários cortes e separações, desde a separação do nascimento e do corte do cordão umbilical até a separação definitiva da morte, tem uma função estruturante sobre o desenvolvimento da sexualidade humana. A relação originária da criança com os pais norteará, quando adulta, as escolhas de seus objetos amorosos. O sujeito, ao perceber-se incapaz de renunciar a uma satisfação da qual ele gozou uma vez, busca recuperar, no outro, seu objeto de desejo, a perfeição de gozo que lhe foi arrancada. Desta forma, o apaixonado projeta seu Ego Ideal sobre o objeto de sua paixão que, de certa forma, é um objeto substitutivo, como forma de resgatar a sensação de satisfação originária, onde ele pensa que,

com ele tudo se tem e sem ele, nada. A castração, ao longo da vida afetiva do sujeito, estará presente nas vivências das paixões, pois, como o objeto da paixão é um objeto idealizado e nunca poderá satisfazer as necessidades do apaixonado, ele estará sempre se confrontando com uma realidade dolorosa e infinda (ROCHA, 2008)

Da mesma forma que o apaixonado supervaloriza seu objeto sexual, tornando-o tão poderoso ao ponto de absorver seu ego, o drogatido supervaloriza a droga, tornando-a seu objeto de subsistência e, quanto mais a libido é investida no objeto, mais a libido do ego se empobrece. ROCHA (2008, p. 118) esclarece, à respeito da *Verliebtheit*:

Freud, então, destaca outro elemento característico da paixão amorosa: nela, o Ideal do ego perde sua função crítica. A crítica se cala e, nessa cegueira do amor, o homem, sem remorso, pode tornar-se um assassino. Essa perda total da função crítica do Ideal do ego é, a meu ver, uma consequência da natureza narcísica da paixão amorosa.

Esclarecer um pouco sobre o conceito psicanalítico do desamparo é oportuno para compreendermos melhor a condição de desamparado do ego apaixonado, já que, o sentimento de desamparo, parece estar sempre presente nas vivências das paixões. Para Freud, a situação originária de desamparo está ligada à relação primária com o Outro, ou seja, a relação originária de dependência da criança com os pais. Essa experiência originária de desamparo é designada por Freud com o nome de *Hilflosigkeit*, que indica uma experiência na qual o sujeito se encontra sem ajuda, sem recurso, sem proteção, sem amparo, ou seja, uma situação de desamparo. Nessa perspectiva, poderíamos dizer que a criança já nasce desamparada e ela, por si só, não poderia subsistir sem os cuidados dos pais. Esses cuidados são imprescindíveis não apenas para sua alimentação e sobrevivência, como também o são para sua proteção e amor. Desta forma, a criança percebe a existência e importância de um outro ou, como diria Lacan, um Outro em sua vida. “Então, poder-se-ia dizer que o caminho ‘natural’ do desamparo leva à alteridade, ao outro, ao objeto, que daí em diante estará sempre sendo, de alguma forma, investido por nós” (VASCONCELOS, 2004, p. 62).

Esse objeto ao qual estaremos sempre buscando é um objeto inalcançável. É uma incessante busca por algo que é inerente ao ser humano: a falta. O sujeito tenta suprir, sublimar essas faltas com algo que, ilusoriamente o complete, como o consumo de drogas, a compulsão por compras, comidas, sexo, etc.

Assim como as drogas, a paixão também teve, ao longo dos tempos, suas formas de crença e expressão, desde os mitos gregos até a contemporaneidade, ela vem exercendo grande

influência no comportamento humano, no que diz respeito às condições de vulnerabilidade à que a pessoa se assujeita.

4. Toxicomania, drogas, paixão, dependência e codependência

De acordo com o dicionário Priberam (2014), “Toxicomania” quer dizer “hábito patológico de absorver doses crescentes de substâncias tóxicas ou estupefacientes (éter, morfina, cocaína, ópio), por amor às sensações anômalas que elas produzem”.

O termo toxicomania advém do discurso proferido pela psiquiatria, que em meados do século XIX passa a considerá-lo isoladamente como categoria clínica específica, relacionada à inclinação impulsiva e aos atos maníacos (SANTIAGO, 2001 apud GIANESI, 2005).

Édouard Levinstein, que é citado como o pai da moderna toxicomania, aborda o termo *morfomania*, que significa “a paixão que possui um indivíduo em se servir da morfina como excitante ou como alimento, e o estado patológico que resulta do uso abusivo deste medicamento” (LEVINSTEIN, 1878, pág. 3 apud BENTO, 2006, pág. 8).

A paixão, mesmo não sendo uma substância química, está intermediariamente ligada aos tóxicos, à toxicomania, já que, mesmo não sendo química, é uma substância que pode intoxicar. É comum, até aos não acadêmicos, em conversas informais com pessoas acometidas pelos efeitos entorpecedores da paixão, a percepção de que, muitas vezes, o verdadeiro tóxico, não é uma droga em si.

Como nos esclareceu Freud, à respeito do *Hilflosigkeit* (experiência na qual o sujeito se encontra sem ajuda, sem amparo, ou seja, uma situação de desamparo), podemos correlatar tal experiência de desamparo à abstinência da droga (LE POULICHET, 1987 apud BENTO, 2006, pág. 14):

... E é bem uma forma de angústia que aparece quando falta o tóxico, como se o corpo, no lugar de se formar nas cadeias significantes, chamasse a restituição de um órgão que “liga” as excitações. Estas últimas suscitam uma *Hilflosigkeit* que testemunha um aumento intolerável das tensões. É aliás frequente como em resposta às formas de vazios (arrombamentos) que “recaídas” intervêm neste tempo da abstinência. O tóxico ressurge como que para restaurar uma proteção face aos acontecimentos ou pensamentos frequentemente sentidos como ameaçadores, próprios a despertar o terror e o pavor. (...)

Desta forma, a escolha do objeto de desejo do sujeito, quando adulto, será norteadado de acordo com a relação primária de amor/dependência da criança, ou seja, sua relação com os pais,

então, essa relação servirá de modelo de vínculo com os objetos ao longo da vida. Logo, a dependência patológica será significada não por um objeto específico, mas pelo lugar que esse objeto ocupa na vida do sujeito e, ao longo da vida, esses objetos serão substituídos por outros que ocupem lugares e significados semelhantes, traços do objeto primeiro de dependência.

Como visto, ao longo do presente artigo, a paixão e as drogas sempre tiveram lugar de destaque na história da humanidade. Sempre existiram e, provavelmente, sempre existirão. Constatamos como a droga atua sobre o cérebro, modificando o modo de sentir, pensar, agir, proporcionando experiências de prazer e/ou desprazer e também vimos que a paixão pode levar aos mesmos sintomas.

Um estudo, publicado no *Journal of Neurophysiology*, comparou 2500 imagens do cérebro de universitários no auge da paixão, para isso foram exibidas fotografias do amado e sugerido que os momentos bons fossem recordados. Os universitários revelaram as emoções geradas, tais como conforto, bem-estar, aconchego e euforia, características das funções da dopamina. “A química da paixão envolve a dopamina, neurotransmissor que em níveis elevados leva a uma forte motivação, associada à excitação, assim como a níveis elevados de ansiedade e medo. A cocaína, o álcool, a nicotina e a morfina, por exemplo, são drogas que elevam os níveis de dopamina” (MEDEIROS, 2013).

Podemos associar o desejo incontrolável do sujeito dependente da droga ao do sujeito apaixonado, ambos os objetos, seja a droga ou o objeto da paixão, são objetos de desejo. A paixão tem um foco e através dela, várias sensações podem ser despertadas e uma semelhança marcante entre o apaixonado e o drogadito é a dinâmica cerebral. “A dinâmica cerebral de um apaixonado se assemelha a de situações como fome e sede. O funcionamento também é semelhante ao de uma pessoa que recebe injeções de cocaína. As respostas são de excessiva energia, insônia e perda do apetite” (MEDEIROS, 2013).

Nos casos de dependência, seja de drogas ou afetiva, há um outro fator infeliz: a codependência. O termo surgiu através dos estudos sobre dependência química e foi imputado aos familiares dos dependentes de drogas, partindo do princípio que eles também apresentariam uma dependência, não química, mas emocional, associada ao vínculo doentio que estabelecem com seus familiares, ficando assim, também escravizados pelas drogas. Os sentimentos de angústia, desespero, medo, decepção, etc., não apenas escravizam o codependente, mas podem inseri-lo em grupo de risco no campo das doenças, não apenas emocionais e psíquicas, mas também físicas. Uma pesquisa realizada na cidade de São Paulo, pela UNIAD/Unifesp/Inpad, aponta que o comportamento da família com relação ao tratamento de drogas é a segunda maior dificuldade encontrada, sendo o próprio dependente

químico o maior responsável pela não aceitação do tratamento. Assim como o próprio adicto, algumas famílias não aceitam que um de seus membros seja um dependente químico, seja por não suportar psiquicamente, por sensação de fracasso, impotência ou mesmo por vergonha⁷.

A codependência ultrapassa o âmbito da dependência química. Não é incomum que a paixão se transforme em codependência. O apaixonado dispensa uma atenção descomedida ao seu objeto de desejo, ao Outro, o que faz com que ele se dedique integralmente a esse Outro, a ponto de sentir-se responsável por ele. Utopicamente pode ser visto como uma pessoa zelosa, como alguém que demonstra um grande afeto. Porém isso não é saudável, já que, assim, o codependente, distancia-se de sua verdadeira identidade e passa a viver as expectativas, sonhos, desejos e demandas de outra pessoa.

Em geral, o codependente é uma pessoa de baixa auto-estima, Ego frágil, que sente-se desamparada e frequentemente usa essa relação de dependência como uma estratégia de defesa para amparar-se nos momentos de crise, como forma de crescer em tempos dolorosos, então, agarra-se fortemente ao Outro e passa a viver em função deste. Como forma de ajuda, é importante que o codependente saiba identificar os limites entre a própria identidade e a da outra pessoa e resgatar os próprios sentimentos, conscientizando-se das próprias necessidades.

Como mencionou Freud, “o meio de expressão corporal para o mais alto feito psíquico de que um ser humano é capaz: dominar a própria paixão em prol de e por ordem de uma causa, à qual se consagrou” (ROCHA, 2008, pág. 24).

5. Conclusão

Atualmente, com uma cultura que não permite a ninguém viver seus lutos e a tristeza, que é inerente ao humano, não é bem aceita, a droga se encaixa perfeitamente nessa “cura do desprazer”. Vimos que, assim como as drogas, a paixão também teve, ao longo dos tempos, suas formas de crença e expressão, desde os mitos gregos até a contemporaneidade, ela vem exercendo grande influência no comportamento humano, no que diz respeito às condições de vulnerabilidade à que a pessoa se assujeita.

Como dito anteriormente, nos casos de dependência, não podemos apenas levar em consideração a compulsão às drogas, mas o excesso a tudo o que causa prazer. A paixão, assim como as drogas, é uma das formas mais antigas de obtenção de prazer, bem como de fuga do desprazer. É possível perceber que o vínculo de dependência estabelecido pelo objeto

⁷ <http://www.elizabethzamerul.com.br/codependencia.php>

de desejo do sujeito apaixonado não difere, psiquicamente, do vínculo estabelecido pelo drogadito, embora, à primeira vista, distintos, seus mecanismos cerebrais são similares e um dos elementos comuns entre eles é a dependência, principalmente no que diz respeito ao lugar que esse objeto passa a ocupar na vida do sujeito, deixando de ser um objeto de desejo e transformando-se em um objeto de necessidade, responsável pela sua subsistência.

Desta forma, o apaixonado assujeita-se ao seu objeto de amor do mesmo modo que o adicto assujeita-se à droga. É certo que os danos causados pelas substâncias químicas das drogas são fisiologicamente mais violentos, mas, considerando a dependência psíquica, os danos são tão devastadores quanto, pois a escravidão à busca desse prazer (o Outro ou a droga) pode levar o sujeito a um gozo que pode levar à morte. Falamos sobre a paixão patológica como a paixão do desatino, da desmedida do desejo, a paixão que confunde seu objeto de desejo com um objeto de extrema necessidade e pudemos ver como a supervalorização do objeto investido pode empobrecer o ego do sujeito. Essa supervalorização de objeto, psiquicamente, ocorre de formas semelhantes entre a dependência do apaixonado e a do adicto, transformando o alvo da paixão ou a droga, não um objeto de busca de prazer ou fuga do desprazer, mas um objeto que consome o sujeito, que o devora.

6. Referências

ALLY, E. Z. **Codependência ou dependência emocional: o que é?** s/d. Disponível em <http://www.elizabethzamerul.com.br/codependencia.php>. Acesso em 05/02/14.

BENTO, V. E. **Tóxico e adicção comparados a paixão e toxicomania: etimologia e psicanálise.** Psicologia USP, 17(1), 181-206, 2006.

BRAZ, A. L. N. **Origem e significado do amor na mitologia Greco-romana.** Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2005000100008 – Acesso em: 25/03/2014.

CALDERONI, M. L. M. B. **Psicopatologia na íntegra.** In: REVISTA PSIQUE CIÊNCIA E VIDA, EDIÇÃO ESPECIAL: **Origens e Caminhos da Psicopatologia**, Ano 01, nº 01, s/d.

CEBRID. **Tabaco.** Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas http://www.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/quest_drogas/tabaco.htm

CID-10. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde.** 10ª Ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.

HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo. Núm. XX- (Ano, 2014) ISSN: 1517-7606

CISA. **História do Álcool**. In CISA: Centro de Informações Sobre Saúde e Álcool, s/d. Disponível em <http://www.cisa.org.br/artigo/234/historia-alcool.php#.UySuQtJdU9g>. Acesso em 07/04/14.

FREUD, S. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. (1914). In: **Standart Edition das Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XIV, 1969.

_____. **Freud: Novas Aproximações**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008.

_____. O desejo na Grécia Clássica. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, n. 1, vol. III, pp. 84-116. São Paulo, 2000.

GIANESI, A. P. L. **A toxicomania e o sujeito da psicanálise**. *Psychê*, v. 9, n. 15, jun. 2005.

LEAL, A. **Restrição de propaganda de cigarro levou 33% dos brasileiros a deixarem de fumar, diz pesquisa**. Agência Brasil: Empresa Brasil de Comunicação, edição de 28/05/2013. Disponível em <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-05-28/restricao-de-propaganda-de-cigarro-levou-33-dos-brasileiros-deixarem-de-fumar-diz-pesquisa>

LOPES, M. A. **Drogas: 5 mil anos de viagem**. *Revista Super Interessante*, 233, 2006. Acesso em 05/02/2014. Disponível em <http://super.abril.com.br/ciencia/drogas-5-mil-anos-viagem-446230.shtml>

MEDEIROS, R. **Os Circuitos da Paixão**. *Revista Psique Ciência e Vida*, ed. 90. Matéria de Capa. 2013. Disponível em <http://psiquecienciaevida.uol.com.br/ESPS/Edicoes/90/artigo297882-1.asp>

NAPPO, S. A. et al. **Comportamento de risco de mulheres usuárias de crack em relação à DST/AIDS**. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo (CEBRID–UNIFESP), 2004.

OBID/SENAD. **Bebidas Alcoólicas**, s/d. Disponível em http://www.obid.senad.gov.br/portais/mundojovem/conteudo/index.php?id_conteudo=11223&rastro=Tipos+de+Drogas/Bebidas+Alco%C3%B3licas. Acesso em 21/05/2014.

OBID/SENAD. **Tabaco**. 2007. Disponível em http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/conteudo/index.php?id_conteudo=11287&rastro=INFORMA%C3%87%C3%95ES+SOBRE+DROGAS%2FTipos+de+drogas/Tabaco. Acesso em 03/05/2014

PLATÃO. **O Banquete**. Pará de Minas: Biblioteca Virtualbooks. 2003. Disponível em http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras2/links/O_banquete.pdf

PRIBERAM, 2014. **Dicionário Priberam online**. Disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/toxicomania>. Acesso em 05/02/14.

ROCHA, Z. **Desamparo e metapsicologia – SÍNTESE**. Revista de Filosofia. n. 86, v. 26, p. 331-346, 1999.

ROCHEDO, A. **A Química da Paixão**. Revista Super Interessante, 224A, 2006. <http://super.abril.com.br/cotidiano/quimica-paixao-446309.shtml>

SILVA, A L. **Paixão e drogas como vínculos patológicos: um estudo psicanalítico sobre a relação de dependência entre sujeito e objeto**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, UNICAP, Recife, 2005.

SILVA, J. L. B. **Módulo I – Visão Histórica e Contextualizada do Uso de Drogas**. s/d. Disponível em <http://www.direcionaleducador.com.br/drogas/modulo-i-%E2%80%93-visao-historica-e-contextualizada-do-uso-de-drogas>, Acesso em 02/04/2014.

VASCONCELOS, S. L. C. **Do amor de narciso ao narcisismo do amor: Abordagem Freudiana**. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica)–Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, 2004.

Resumo

Texto do Resumo em Português deve ter no máximo XXX palavras com espaçamento. Fonte: Arial 12, itálico, texto justificado.

.

Palabras chave: *No mínimo 3, no máximo 6. Fonte: Arial 12, itálico, texto justificado.*

Abstract ou Resumen

O artigo deve apresentar um segundo resumo em inglês ou espanhol. Fonte: Arial12, itálico.

Keywords ou Palabras Clave: *No mínimo 3, no máximo 6. Fonte: Arial 12, itálico, texto justificado.*

¹ Associação institucional do autor 1

² Associação institucional do autor 2

* * * * *

Formato

Fonte: Arial;

Tamanho: 16 (título), 12 (corpo de texto), título de seção (14), título de subseções (12).
Exceções: resumo, palavras-chave, citações diretas longas (aquelas que ultrapassem três linhas de texto) e notas de rodapé (10);

Papel: A4;

Cor: preto;

Margens: Esquerda e Superior, 3 (três) cm – Direita e Inferior, 2 (dois) cm;

Espaçamento entrelinhas: 1,5 (um e meio);

Formato de arquivo: Microsoft Word, Open Office Writer e RTF.

